

ESCOLA, DISCURSO E ADOLESCÊNCIA MASCULINA

Welson Barbosa SANTOS¹
Nilson Fernandes DINIS²

RESUMO: Fundamentada no conceito de que masculinidades são submetidas a uma trama de discursos, de saber e de relações de poder, processos que impõem verdades assujeitadoras, esta discussão tem como objetivo contribuir para que a docência supere vícios históricos cometidos nesse campo do saber. Inscritas por meio de experiências culturais, as masculinidades têm sido edificadas pelo discurso e através de relações sociais em espaços como a escola e a internet. Nesse caminho, o pressuposto aqui assumido é de que masculinidades hegemônicas são fortalecidas ao colocar as demais masculinidades na condição de subalternas ou clandestinas. Quanto aos métodos, como parte de uma discussão de Doutorado, ele se sustenta nos conceitos de discursos propostos por Michel Foucault. A pesquisa envolveu 17 sujeitos, foi usada uma página de relacionamento virtual para o acesso às falas dos participantes e isso possibilitou sinalizar a forma como discursos são disseminados, incidem sobre o masculino e buscam ajustá-lo a norma.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Adolescência. Masculinidade. Discurso.

INTRODUÇÃO

Esta é uma discussão fundamentada no conceito de que masculinidades são submetidas a uma trama de discursos, de saber e de relações de poder, processos que impõem verdades assujeitadoras. O ocorrido é que, como subjetividades no campo do gênero, as masculinidades recebem investimentos discursivos que a delimitam de forma rígida e heteronormativa. Assim, o pressuposto aqui assumido é de que masculinidades hegemônicas se fortalecem, colocando as demais formas na condição de subalternas ou clandestinas. Vale ainda ressaltar que a escola e seu processo de formação têm considerada influência na temática suscitada aqui. Portanto, direcionar tal discussão para educadores é algo a se considerar, pois pode contribuir na superação de limitações existentes no labor escolar.

Enquanto temática e discussão, o masculino é estudado no campo do gênero e referente à demarcação e distinção da masculinidade, para Badinter (1999), tal enquadramento e ajuste ocorrem proporcionais aos interesses de cada tempo e por meio

¹ Estudante pesquisador-diversidade em Educação. UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos – Pós-Graduação em Educação. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905. Pesquisador do Laboratório de estudos Discursivos Foucaultianos. UFU - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 - wwsantosw@yahoo.com.br

² UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Pós-Graduação em Educação. Campinas – SP – Brasil. 13083-970. Realizou estágios de pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas, na York University-Canadá e na University of British Columbia-Canadá. Professor associado. UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 - ndinis@ufscar.br

do discusso. Ainda, Scott (1995), orienta que o abordar gênero implica discutir também sexualidade devido à íntima relação entre as duas temáticas.

Assim, partindo do fundamento de que gênero e sexualidade são edificados nas relações de poder pelo discurso, Foucault (2007) subsidia afirmar que é a forma como ocorre a organização e o exercício desse discurso que permite as demarcações e enquadramentos do masculino e viabiliza deslocamentos. Isso propicia que gêneros sejam vistos como verdades naturais, discurso assim defendido e difundido. Entendido isso, por usarmos recortes de fala na sustentação de toda a discussão aqui apresentada, inicialmente buscaremos descrever o método usado que possibilitou acessar as falas dos 17 sujeitos participantes do trabalho.

MÉTODODO

Metodologicamente, partimos do fundamento que masculinidades têm sido edificadas nas relações sócio culturais e em espaços como a escola e a internet (MISKOLSI, 2011). Logo, para articular essas duas esferas, o trabalho envolveu inicialmente 600 sujeitos do sexo masculino e feminino de duas instituições de ensino. Em um segundo momento o grupo foi reduzido a 200³ sujeitos usando-se dos seguintes critérios: ser do sexo masculino e ter de 14 a 16 anos. Referenciados em Mann e Stewart (2000) convidamos o grupo a participar da segunda etapa da pesquisa. Destes, 135 aceitaram o convite, responderam um questionário objetivo. As respostas obtidas possibilitaram a identificação de 17 participantes finais.

Uma vez identificados os 17 sujeitos, referenciados nas propostas Marcuschi (2004) e Freitas et al. (2004), o uso de rede social virtual possibilitou observar suas falas e discursos, material usado no fortalecimento e referência da discussão aqui desenvolvida. As observações feitas têm como objetivo contribuir no entendimento dos componentes e processos sociais de constituição das masculinidades adolescentes ocorridas na escola assim como nos demais espaços ocupados por tais sujeitos.

Nesse caminho, é importante fortalecer o conceito de discurso, como ele ocorre e sua funcionalidade (FOUCAULT, 2010). Essa questão compõe o método adotado, possibilitou analisar as falas e sabe-se que, ao observar o discurso, é preciso recusar

³ O uso de questionário objetivo com opção de respostas “sim” ou “não”, respondido pelos 135 alunos, foram disponibilizado aos participantes em uma sessão de acesso restrito da rede social Facebook. A sessão chama-se grupos. As respostas possibilitaram acessar o total de 17 sujeitos, identificados por responderem “sim” à todas as perguntas feitas referente terem vivenciado situações de questionamento e constrangimento na escola sobre suas masculinidades.

explicações unívocas, fáceis e a busca insistente do sentido último e oculto das coisas, pois esta é prática bastante comum e incorreta (FISCHER, 2001). Portanto, usando-se do discurso é preciso ficar no nível de existência das palavras e coisas ditas e isso equivale trabalhar arduamente, deixando que o discurso mostre-se na sua complexidade peculiar (FERNANDES, 2012).

Mas, para Fischer (2001), o alcançar tal empreito exige o desprender-se de longo e eficaz aprendizado que gera olhar sobre o discurso apenas como um conjunto de signos e/ou significantes que se referem aos determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações escondidas em textos e pelos textos, e não logo visíveis. Fernandes (2012) afirma que é como se no interior do discurso, ou em tempos anteriores a ele, fosse possível encontrar verdades intocadas. Assim, é importante perceber que nada há por de trás das cortinas do discurso, nem sob o chão que se pisa, o que existem são enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento (FOUCAULT, 2008). Então, ao usar recortes de fala de adolescentes sobre construções de suas masculinidades, a busca foi por perceber o discurso presente nesses comentários e as relações históricas e práticas da questão e que, inclusive, a todo tempo é rememorada na escola e pela família.

DISCUSSÃO

Buscando delimitar o tema proposto, enquanto procedência, a adolescência masculina foi problematizada em decorrência da necessidade de contínuo e cuidadoso investimento físico, pedagógico e moral, visando à produção de adulto ideal, ou seja, dentre outros, ser heterossexual, apto ao trabalho, ao casamento e ter filhos/as. Essas afirmativas remetem ao fim do século XIX e início do século XX e, para Foucault (2007), surgiu aí a denominada medicina das perversões e seus princípios que definiram degenerescência como hereditariedade carregada de doenças.

O período citado foi marcado pelo estabelecimento de controle judiciário e médico das perversões, em nome de proteção geral da sociedade e da raça, e as consequências foram construções progressivas e cuidadosas de arquivos de prazeres e de despropósitos sexuais, em que a sexualidade foi registrada, descrita e classificada. Sobre sexualidade, o autor ainda definiu questões importantes: propôs o rompimento da visão naturalizada do tema; a definição da mesma como dispositivo histórico e social; e,

também, a identificação das verdades sobre o sexo, que reforçam que a *scientia sexualis*⁴ é a grande, senão a maior, referência de estudos do tema.

Para Foucault (2007), inicialmente, o sexo foi interdito e regulamentado pela moral religiosa e passou aos poucos para o domínio da ciência. No transitar, a confissão permaneceu como matriz geral regendo produções de discursos verdadeiros sobre sexo e, mesmo assim, alterada, continuou presa à prática da penitência, perdendo, devido ao protestantismo, a pedagogia do século XVIII e medicina do século XIX, sua situação ritual e exclusiva.

A sexualidade desde o século XVI até o século XIX [...] se deslocou a partir de uma prática da confissão em que as condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, e da maneira mais explícita, até a aparição inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX. (FOUCAULT, 2011a, p.61).

As considerações feitas por Foucault (2007, 2010, 2011b) subsidiam afirmar que os discursos sobre sexualidade masculina foram construídos entre os séculos XVIII e XIX. Portanto, a discussão sobre adolescência masculina e sexualidade feita até aqui, já mostra que a realização de pesquisas a respeito do tema, pressupondo-a como etapa de vida e não forma e também marcada por crises, desconsidera o caráter histórico da mesma e insiste em sua naturalização. Sabe-se que desde o início do século XX o tema ganhou vida própria, adquiriu perfil natural e Foucault (2007) explica que não existem regimes de verdades discursivas, pois são produzidas pelo discurso, modificam-se quando as regras sofrem mudanças e subsistem como uma forma.

O balizamento da descrição dos tipos de discurso, chamado de arqueologia do saber, é o que produz efeitos de verdade por estarem permeados pelas consequências do poder que o percorrem. Do mesmo modo, os estudos da genealogia do poder não são estudos estanques, mas instâncias que se entremeiam e trazem como resultado o poder-saber. Assim, no processo é desaconselhável assumir como verdades os discursos sobre adolescência masculina. Ainda é importante reforçar que, sobre o masculino, não há a

⁴ Surgida no fim do século XVIII, a *scientia sexualis* desenvolveu-se durante os séculos XIX e XX, sendo entendida como conjunto variado de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual. Enquanto ciência, envolve a pedagogia, a medicina, o direito, a economia e a psicanálise e Foucault (2007) afirma que ela está comprometida com a relação poder-prazer. Prazer em se ter poder sobre o sexo, prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e punir. O autor afirma que há também poder em ter prazer de escapar da fiscalização, da regulação, da punição; de transgredir e de escandalizar.

pretensão aqui de colocar a heterossexualidade como equivalente e defesa de não heterossexuais. A proposta é reforçar a existência de diversificadas estéticas masculinas.

Comumente, a adolescência masculina é entendida e identificada no discurso científico pelos referenciais biológicos. Entretanto, segundo Butler (2003), o biológico não tem poder de definição em relação ao gênero. A questão estaria nas relações inter e intrapessoais, em dada cultura e época histórica, em que se determina o que cada um é. Para a autora, os gêneros não são nem verdadeiros ou falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de discursos sobre identidades primárias e estáveis. Nisso, surge então o questionamento sobre o que seria o masculino nas discussões de gênero ou o que se entende por masculinidade?

A palavra masculinidade é derivada do latim *masculinis* e circulou na sociedade somente em meados do século XVIII, período de invenção do modelo dual de sexos. Na obra *Masculinities*, de R. W. Connell, publicada em 1995, tida como referencial teórico importante nesse campo de estudo, encontram-se pressupostos auxiliares para tal entendimento. Para este autor, a masculinidade é um longo constructo social e discursivo, elaborada por interações por vezes, conflituosas, sendo construção complexa e, relativamente, precária.

Nesse raciocínio, para Foucault (2007), os corpos dos homens são como corolário da produção de verdade dentro dos discursos, tornando-se objetos sobre o qual eles e sociedade trabalham por meio de práticas corporais, seja comendo, dormindo, aseando-se ou exercitando-se. Connell (1995) ainda afirma que há políticas de gênero condutoras de relações de aliança e de dominação e subordinação entre diversas masculinidades. Portanto, a hegemonia de um padrão de masculinidade não significa controle total sobre outras possibilidades e não impossibilita de estarem ou serem também submetidas a crises.

Pelo descrito, há outros arranjos sociais nesse campo, consequência das necessidades e vivências de cada um e nem sempre correspondem ao discurso hegemônico de masculinidade. Seriam rotas de fuga, construídas em consequência dos difíceis ajustes. Sobre a masculinidade, de uma forma geral, vem de Badinter (1999), Connell (1995) e Miskolci (2007) sinalizações tanto sobre a criação histórica da masculinidade, quanto suas dinâmicas nas relações sociais do presente.

Sobre sexualidade, é desaconselhável desassociá-la das questões do gênero. Logo, a masculinidade como tema de investigação, exige localizá-la no campo dos estudos de gênero e isso solicita saberes sobre sexualidade, pois práticas sexuais podem

estar inscritas no gênero e revelarem símbolos que socialmente conferem forma para diferenças que ilustram o feminino e o masculino em culturas díspares.

Como filósofo da diferença, Jacques Derrida (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004) possibilita bons entendimentos e significação da questão por meio da chamada suplementaridade. Nesse sentido, Miskolsi (2009a) subsidia afirmar que o conceito está referenciado na perspectiva metodológica da desconstrução. Para o autor, é Derrida quem descreve que nela os significados são organizados por meio de diferenças e em dinâmicas de presença e ausência. Assim, na suplementaridade o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que aparentemente mostra-se natural é histórico.

Portanto, no campo da masculinidade adolescente, enquanto construção de gênero e seu fortalecimento, é possível entender que a heterossexualidade precisa da homossexualidade para seu fortalecimento e, na medida em que a primeira acusa, sinaliza e condena o menos masculino, o homossexual ou a masculinidade não hegemônica, essas ações acabam por fortalecer a heterossexualidade.

Foi decorrente do campo de conhecimento citado nos dois últimos parágrafos que surgiu a discussão denominada de heteronormatividade – termo criado por Michael Warner (1991), descrito em seu trabalho intitulado *Fear of a queer planet* e publicado em 1991. O vocábulo refere-se ao padrão da heterossexualidade que toma lugar de normal e única, sendo as demais formas tidas como subalternas, clandestinas, ilegais ou anormais. O termo é derivado do grego *hetero*, diferente, e *norma*, esquadro, o qual possui raízes nos princípios de Gayle Rubin (1975) do sistema sexo/gênero e discutido no artigo *O tráfico de mulheres*. Ainda, a heteronormatividade justifica-se nas instituições que legitimam e privilegiam relacionamentos heterossexuais como fundamentais e naturais dentro da sociedade.

O termo é usado para exploração e crítica de normas tradicionais de sexo, identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade e implicações sociais de tais instituições. É também descritivo de um sistema dicotômico de categorização que vincula comportamento social e autoidentidade com o tipo de genitália de cada um. Essas questões reforçam conceituações de que existem fundamentos estritamente definidos de virilidade e feminilidade e comportamentos esperados tanto para mulheres quanto para homens. Ainda, na atualidade, heteronormatividade seria o conjunto de instituições e estruturas de compreensão e orientação prática que, apoiada na heterossexualidade, mantém hegemonia por meio de subalternização de outras sexualidades, impondo seu modelo.

Ao ampliar a discussão, Connell (1995) também afirma existir nos grupos sociais padrões específicos de masculinidades mais respeitadas que outras, conhecido como padrão hegemônico, e acrescenta que as masculinidades estão, por todo tempo, em processo de construção em cada um. Nisso, a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar requer uma luta política e, conseqüentemente, a derrota de outras masculinidades alternativas. Sendo assim, seria então o desejo homossexual sempre reprimido? E o não alcançar do padrão hegemônico de masculinidade, estaria agenciando mal estar e depressão entre adolescentes? Quanto ao desejo homossexual reprimido, ele seria a chave de entendimento do elevado índice de suicídio⁵ entre adolescentes do sexo masculino?

Elucidando os questionamentos, diferente de repressão, o que há é a incitação para se falar de práticas sexuais e os desejos mais íntimos, ao invés de calá-los. Os próprios recortes de fala usados nos parágrafos que seguem, deixam perceber que adolescentes são estimulados a dizer de seus prazeres e descreverem suas preferências sexuais. Para Foucault (2007), há uma instigação ao prazer para haver análise, gerar saberes e, conseqüentemente, o direcionamento do que se deve ou não fazer com tais prazeres e a escola também busca tanto disseminar discursos normativos quanto estimular o falar das verdades de cada um.

A busca é por verdades do sexo do/a adolescente, sendo revelações que possibilitam averiguações exaustivas para se extrair toda multiplicidade necessária, não havendo economia ao criar mecanismos para que se fale, faça-se falar, descreva, registre e seja provocado tal discurso em diferentes formas e por todos os sujeitos. Então, não se fala menos do sexo ou fala-se dele de outra maneira. Educadores/as, médicos/as, administradores/as, pais estão à frente do que se incita e inibe acerca do sexo. Aí se cumpre o papel do que pode e não pode ser dito e as instituições de poder-saber, como escola, família, igreja, ciência, em especial a medicina, administram estes saberes. A procura é pelo que carregam de moral e direcionamentos comportamentais.

⁵ Quanto ao suicídio entre pessoas do sexo masculino no mundo, Arenales et al. (2005) apontam que entre 1950 e 1980 as taxas triplicaram; Zwahr-Castro (2005) destaca que de 19 e 54% dos jovens americanos já pensaram em suicídio, sendo prática mais bem sucedida entre homens de 14 a 24 anos. Para Russell e Joyner (2001), esse é o terceiro maior motivo de morte no país em tal faixa etária e, no Brasil, de 26 a 30% dos casos ocorrem entre pessoas de até 24 anos. Para Souza, Minayo e Malaquias (2002) nas regiões metropolitanas brasileiras o suicídio é a sexta causa de óbitos entre pessoas do sexo masculino na faixa etária citada. Também, O'Connor (1995) e Remafedi (1991, 1995) afirmam que a taxa de suicídio entre adolescentes é alta e para Russell e Joyner (2001) identidades sexuais estão ligadas a um terço de todo suicídio entre adolescentes no mundo.

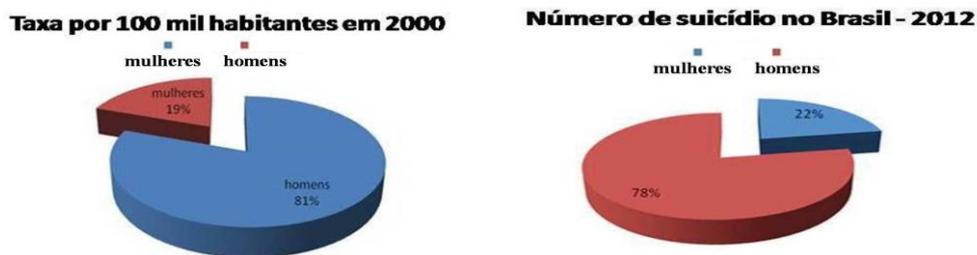
O essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 2007, p.22).

E a empregabilidade é por relações sociais, com o objetivo de torná-las submissas a um utilitarismo econômico e político. Foucault (2007, p.52-53) afirma que há por um lado

[...] um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela. Há por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos.

Quanto às possíveis associações do suicídio com questões de gênero e sexualidade, para Gibson (1989), adolescentes fora da norma heteronormativa são duas ou três vezes mais propensos ao suicídio e compreendem 30% desses casos anualmente. Ainda, estudos de Garofalo et al. (1998) com 4.159 norte americanos, mostraram que a depressão e tentativas de suicídio entre adolescentes não heteronormativos é de 35,3% e entre heteronormativos é de 9,9%. Tamam, Özpoyraz e Diler (2005), ao discutirem tal tendência, citam que a questão tem se agravado nos últimos 25 anos. Ainda, números oficiais da Organização Mundial da Saúde – OMS (2014), retratados nos gráficos a seguir, também sinaliza o fato.

Figura 14 e 15 – Índices de suicídio no Brasil em 2000 e 2012



Fonte: Dados da Organização Mundial da Saúde (2014).

Se os dados e pesquisas nesse campo são insuficientes para sustentar pressupostos sobre suicídio entre adolescentes do sexo masculino e a associação com questões heteronormativas, as taxas são no mínimo intrigantes, suscitam

questionamentos, dão margem e possibilitam pressupostos para hipóteses diante da realidade e encontros vividos por adolescentes na construção de suas masculinidades e constatadas nesta discussão. Ainda, vêm de Foucault (1982, 1999, 2007) saberes que podem também auxiliar no entendimento da questão, pois, para ele, mecanismos disciplinares agem sobre todos e há casos em que ocorre sufocamento, podendo desencadear suicídio.

Referenciado em Foucault (2007), percebe-se que o comum é que, em meio aos processos de disciplinarização, sejam edificadas resistências e rotas de fuga, consequência de sua enorme capacidade de escapar. A suposição é de que há circunstâncias em que os sufocamentos exercidos pelos mecanismos disciplinares, impossibilitem edificação de tais rotas, viabilizando a instalação de violência. E teríamos, assim, o suicídio como um caminho ou ponto final daqueles que não conseguem ajustar-se ao normativo ou adaptarem-se às rotas de fuga.

Nesse sentido, Connell (1995), ao se referir aos Sambia, da Papua Nova Guiné, descreve que, entre pessoas do sexo masculino daquele grupo, ocorrem práticas homossexuais e isso não interfere no conceito de masculinidade socialmente aceita entre eles, ou mesmo percebe-se mecanismos disciplinares com tal propósito. Portanto, a cultura ocidental contemporânea, que considera relações homossexuais como sinal de afeminação e incompatível com o padrão hegemônico de masculino, não precisa servir de referência por serem conceitos inversos de um mesmo comportamento. Assim, Madlener e Dinis (2007, p.59) discutem sobre outras referências e buscas, no sentido de embates e direcionamentos. Para o autor e a autora,

Se deveria lutar pela derrubada dos atuais padrões sociais – família nuclear, burocratização das relações, casamentos presos a cerimônias tradicionais etc. – e não simplesmente pela inserção da diversidade nesses padrões. [...] Desta forma, esperamos colaborar com uma discussão que vá além da mera luta pela união civil e/ou religiosa, e pela garantia de direitos que nos são impostos como necessários e corretos. Buscamos dar um passo além, mesmo que de forma inicial e teórica, para que todos/as possam recriar novas formas de existência.

Pelo descrito, é possível romper com discursos que não passam de normas e interferem na composição das identidades sexuais⁶ de adolescentes, sejam eles/elas

⁶ É através do dispositivo de sexualidade que a identificação *sexual* instaura-se via inscrição da *subjetividade*, da *individualidade*, em uma ordem sexual totalizadora, podendo o indivíduo concreto situar-se segundo padrões de normalidade sexual, subjetivando-se segundo uma certa organização de sua experiência, conforme os códigos dos saberes legitimados *sobre* o sexo – *sobre* a sexualidade, tomada

hetero ou homossexuais. Por conseguinte, há possibilidades de superação de atuais padrões sociais e sexuais dominantes, buscando pelo respeito de novas estéticas da existência e, nessa busca, a teoria *Queer* mostra-se auxiliadora, pois viabiliza o desenvolvimento de estratégias para novos olhares sobre as questões discutidas. Enquanto origem, para Miskolci (2009b), foi Tereza de Lauretis quem usou o termo *Queer* pela primeira vez.

Surgida nos Estados Unidos e Europa no fim da década de 1980, a teoria é procedente dos estudos culturais norte-americanos voltados para discussões feministas. Ela é comprometida em compreender de que maneira a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea e baseada na filosofia pós-estruturalista. Ainda, referenciados/as nas obras de Foucault e Jacques Derrida, as/os teóricas/os *Queer* têm fornecido base para entendimentos de temas complexos como o debate suscitado neste trabalho.

No campo do enfoque teórico, a teoria *Queer* tem possibilitado mudanças no foco dos estudos sobre homossexualidade para questões geradas pelo binarismo hetero/homo, sublinhando sua centralidade como princípio que organiza a sociedade contemporânea. Como questão importante para o aporte teórico desta discussão, a teoria *queer* subsidia possibilidades de atenção mais crítica sobre política do conhecimento e de diferenças, viabilizando distinção entre tais questões e estudos de gênero.

Os estudos Queer se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva Queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. Queer desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. (MISKOLCI; SIMÕES, 2007, p.10-11).

como dimensão *fundamental* do humano. Compondo, parte, conjuntos/cadeias totalizadoras/conformadoras da ordem do *sexual*. Assim, a identidade sexual aparece, sendo parte/produto de um mecanismo de identificação/subjetivação que coloca o dispositivo de sexualidade em relação à construção de si de cada indivíduo, possibilitando a inscrição/codificação/criação de si como sujeito nos domínios da sexualidade. Ao se ter a sexualidade como dispositivo político e buscando suas implicações com a constituição do sujeito, desloca-se a análise da identidade sexual para a abordagem dos modos de subjetivação, como modos de produção de subjetividade, relacionados ou implicados na formulação de uma identidade sexual. Tal deslocamento cumpre a função aqui, ao mesmo tempo em que se contrapõe à análise pela categoria identidade sexual, de permitir investigá-la sendo parte de um dispositivo produtivo relacionado à “subjetividade”, problematizando-a em termos das construções éticas (FOUCAULT, 1995).

No campo das questões da adolescência masculina, observa-se que os embates estão centrados no ser para os outros e ao mesmo tempo o tentar negar-se. Um fortalecer-se por meio de identidade heterossexual e corpo trabalhado para expressar uma heterossexualidade masculinizada, normativa, tida como padrão aceitável. Seriam, talvez, mecanismos de fuga em meio ao processo de normatização. O recorte de comentário a seguir possibilita perceber tais questões, assim como os mecanismos de poder que operam nesse campo.

Às vezes opto por ser calado por vergonha, tenho medo de expor um pouco minha opinião e falar o que não devo. Falar algumas coisas que talvez deixasse as pessoas em dúvida sobre minha sexualidade e isso servir como motivo de julgamento e cobrança. Em casa, em relação a minha mãe, ela recusaria um pouco, mas depois não sei se ela aceitaria de boa (S3).

No fragmento, percebe-se o poder do discurso heteronormativo em diferentes espaços. É ele quem permite o expressar, de maneira ambígua e contraditória, o que deve ser dito e não dito, quem deve dizer e quem deve silenciar, instituindo-se em verdades e certezas sobre gênero e sexualidade e também demarcando lugares da norma e da marginalidade. Ortega (2003) afirma que na atualidade há preocupações na recuperação da aparência, como marca da civilidade de outrora. Para o autor, as sociabilidades sadias têm exigido possibilidades de fingimento e de distinção entre o que se aparenta e o que se é. O tema também é perceptível no recorte de fala a seguir.

Eu me calo em relação a minha convicção sexual porque prefiro as coisas no anonimato. Me sentiria mau se minha família soubesse que eu sou gay, que gosto de garotos. Eu acho que na vida a gente tem que ter alguns segredos, um dia ainda conto. Acho que eles ainda não estão prontos, na verdade nem eu estou, tenho muito medo da reação das pessoas. (S3).

Ao observar o fragmento, há de se interrogar o que desencadeia tal medo, o segredo e o não estar pronto para ouvir e falar. Em contrapartida, há de se pensar também na necessidade de confessar que envolve todos e em todo tempo. O entendimento dessas questões está nas relações sociais, uma vez que nascemos inseridos nelas e por meio delas nos constituímos sujeitos. Sendo assim, somos forma que muda a todo tempo e de tempos em tempos e a consequência é não se ter um lado para se estar ou mesmo tomar partido. Trata-se de posições momentâneas e sujeitas a mudanças constantes. Nisso, percebe-se o conflito pessoal de luta entre o silenciar e o confessar e,

como subsidia Foucault (2007), é um confessar que procede de práticas disciplinadoras e normalizadoras, contribuindo, como afirma Miskolci (2006), para classificações, clandestinidades e subalternizações.

Observam-se aí campos de forças, mecanismos disciplinadores que incidem sobre o/a adolescente, com potencialidades para que a heterossexualidade seja constituída, force o silêncio e alimente o discurso de negação. Tais questões coincidem com conceituações feitas por Butler (2003) de que gêneros não são nem verdadeiros ou falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre identidades primárias e estáveis. Nesse raciocínio, o próximo fragmento de comentário traz as seguintes conceituações e afirmações,

Eu não digo para ninguém, mas me considero um bissexual pelo fato de já ter tido relações com pessoas do mesmo sexo, mas me considero mais homem por nunca ter tido uma relação passiva, e não ter vontade ou atração por isso. O fato é que eu gostaria de não ter vivido isso, mas faz diferença pra mim. Até porque nunca me chamaram de gay. Só o fato de ser o “popular” e “garanhão” faz com que poucas pessoas achem que eu seja gay. (S9).

Novamente o silenciar sobre a homossexualidade está manifesto no recorte. Para além disso, observa-se também a busca por sustentar uma identidade sexual masculina heterossexual como um ajuste e consequência da resistência. Essas peculiaridades fortalecem o conceito de potencialidade da questão na constituição de sujeitos. O entender-se bissexual, mais heterossexual ou mais homem, optar por um determinado tipo de prática sexual com o uso fálico para que, mesmo em relações homossexuais, uma possível e aparente heterossexualidade seja mantida, o assumir determinada conduta pública que permita também tal identificação, reconhecimento e fortalecimento dentro do campo heteronormativo. Todas são afirmativas que exemplificam o campo de força da norma que está colocada sobre todos e a todo tempo, sendo questões importantes a serem repensadas na escola, pelo professor/a em seu contato com estudantes.

Nesse caminho, percebe-se que a busca é por ajustar-se à norma, o estar nela e consequência de uma resistência. A questão mostra que há um poder que permeia os posicionamentos e sinalizam que gêneros se produzem na e pelas relações de poder. Aí está a potencialidade da heterossexualidade tida como padrão. Trata-se de demarcação que viabiliza sujeitos sentirem-se em determinado lado, a partir de determinadas condutas, mesmo entendidos como possuidores de identidades outras. Apoiado em

Buttler (2003), sabe-se que masculinidades normativas, devido a seu poder de ajustar-se e ajustar, vêm cumprindo seu papel genealógico de centrar e descentrar instituições definidoras do chamado falocentrismo. Seriam categorias de gêneros masculinos e que solicitam um revisar desse próprio conceito.

Essas são questões que remetem ao conceito de sexo único e predominante até o século XVIII. O conceito concebia diferenças entre homens e mulheres, em que ser um/a ou outro/a estava determinado pelo lugar social e não por suas diferenças. Buttler (2003) argumenta que esforços em estabelecer um mundo masculino e um feminino são frutos de matriz heterossexual. Desde a especulação marxista de Friedrich Engels, passando pela antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e reflexões de Jacques Lacan, chegando aos apontamentos da psicanálise freudiana, todas tiveram como eixo e base central, a denominada heterossexualidade compulsória. Para a autora,

Se a diferenciação do gênero decorre do tabu do incesto e do tabu anterior da homossexualidade, então, 'tornar-se' gênero é um laborioso processo de tornar-se naturalizado, processo que requer uma diferenciação de prazer e sede partes corporais, com base no significado com características de gênero. Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mais tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. [...] A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está frequentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação da identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero. [...] Os limites do real são produzidos no campo da heterossexualidade naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fisicalidade. (BUTTLER, 2003, p.107-108).

O posicionamento vem do século XIX, período marcante e que referencia a história da sexualidade enquanto ciência. Neste período se iniciaram discussões sobre o paradigma da sexualidade, enquanto entidade natural, possibilitando que a temática ocupasse espaço central e se separasse o normal do anormal e, no campo das questões sexuais, a heterossexualidade foi considerada normalidade. Então, como temática relevante para essa discussão, os fragmentos de fala mostram que há aqueles que buscam estar no campo do normal, pela aceitabilidade que isso produz. A vivência escolar demarca bem esses campos

Ainda, essa discussão suscita regularidades e condições sócio-históricas de produção dos discursos que recaem nas constituições de sujeitos e a Epistemologia do Armário, desenvolvida por Sedgwick (2007), é auxiliadora nesse entendimento. Como uma das obras fundadoras da teoria *Queer*, para a pesquisadora, o armário trata-se um regime de conhecimento marcado por falso dilema entre estar dentro ou fora, pois de qualquer forma se mantém preso a certas relações de poder. O fragmento de fala do participante seguinte serve de referência para essa discussão,

Acredito que as coisas sempre foram complicadas, mesmo quando eu ainda não tinha ficado com homens. É que eu não sabia, estava confuso aí quando eu comecei a namorar me defini. Até então eu não queria que ninguém soubesse e por causa disto eu não vivia minha vida. Ficava preocupado com o que a sociedade iria pensar. Na escola eu sempre era o cara zuado, aquele que todos chamavam de viado. Com isto eu me isolei de tudo. Já fiz tratamento com psicólogas e sempre sofri calado, sempre ria para agradar os outros e passava noites chorando. (S12).

Confirma-se novamente aqui a força exercida pelo campo da heterossexualidade que, incidindo sobre o sujeito em construção, gera questionamentos entre o ser e não ser, o permanecer escondido ou tornar-se público. Contudo, o dilema está nas consequências de qualquer uma das opções. Nisso, é importante entender que,

É preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 2008, p.30).

Mediante tal afirmativa, a forma adolescente, não ajustada ao padrão heteronormativo, está na condição de vida precária, destinada ao se negar e viver em terreno hostil? E o reconhecimento da não adequação ao esperado, tem sido o motivo para rechaços sociais? Em relação aos questionamentos, o fragmento que segue apresenta conceituações consideráveis:

Eu não queria ser gay, queria ter uma família normal uma mulher, filhos, queria ser o que a sociedade classifica como “normal” porque sempre quis ter filhos, esposa. Isso foi no período em que comecei a gostar de um colega de escola. Me vi gostando de homem e que talvez eu nunca ficasse com ele imaginando gostar de um hetero. Isso era ruim, eu não queria ser gay. Ser gay significa estar sempre sendo cobrado, julgado, as pessoas parecem até ter medo de você em certas

situações. É como se fôssemos doentes, com doença contagiosa que pega nos outros. (S3).

Independente de forma ou caminho, a homossexualidade emerge e o comentário pressupõe isso, o qual ocorre mediante mecanismos de cobrança, de julgamento, podendo haver enquadramento até no campo do patológico e contagioso. Para Miskolci, (2011) essas questões justificam motivos de ofensa e Foucault (2007) explica que o poder é produtor de individualidades, de mais poder, de segregação, mas também de junção, que não vem de cima para baixo, mas que se espalha, configurando-se em micropoderes eficientes, produtivos e seus efeitos podem ser até autoritários. São condições impostas para o não ser gay, obrigatoriedades para se constituir família normal com mulher, o ter filhos, para assim se receber o reconhecimento social de normalidade. É possível perceber no contexto, ainda, a força de um referencial identitário em que ser homem significa cumprir papéis de ter filhos e compor casamentos heterossexuais e, não estar na norma, significa ser cobrado, julgado, podendo desencadear medo.

Seriam campos de forças em que o poder heteronormativo estende seus tentáculos sobre todos e, sem exceção, mecanismos disciplinares impostos sobre condutas. Trata-se de um poder que tem justificado edificação de referenciais identitários em que o homossexual quer casar. Essa questão pode ser percebida na busca da legalização de casamentos gays, no adotar de filhos e no assumir de padrões heteronormativos. Percebe-se nesse movimento um sufocamento do sujeito com os mecanismos disciplinares, levando-o a ajustar-se à norma. É a força do poder que age sobre todos, inclusive, suspeitos ou quem está comprovadamente fora da norma. Nesse sentido, o participante faz a seguinte afirmativa,

Eu me sentia sufocado, e até vigiado por mim mesmo, pois eu achava que se eu fizesse uma brincadeira as pessoas iam me julgar sobre algo que nem eu mesmo sabia se eu era ou não. Eu não sei por que, só sei que simplesmente existia. E ninguém ficava pegando no meu pé por isso. Eu mesmo ficava atento às brincadeiras e comentários, pois eu não tinha argumentos pra me defender caso surgisse alguma acusação de eu ser gay, mas me incomodava isso. (S4).

Observa-se no fragmento de fala os processos de assujeitamentos que se constituem pelos jogos de verdade em que sujeição e liberdade estão presentes. Os jogos de verdade referem-se ao conjunto de regras de produção da verdade e de mudanças das regras que produzem verdades. São procedimentos em que as práticas de

sujeitos servem para instituir ou destituí-los. No entanto, para Foucault (1999), onde há poder sempre há resistências, sendo um coextensivo do outro e nunca é preciso alguém ser pego pelas armadilhas do poder, desde que seja modificado o domínio ou se esteja apropriado de condições específicas e de estratégias precisas. Ainda, vale pensar que o campo de disseminação do poder não é sombrio ou estável, mas sempre possibilita lutas.

Trata-se de um campo que permite deslocar-se da rebelião à dominação, da dominação à rebelião ou simplesmente acomodações aos modos de assujeitamentos e docilização. Assim, outro caminho possível seria o desconstruir dos conceitos de masculinidades e sexualidade hegemônicas entre adolescente, mediante complexidades e contradições dessa construção. Uma possibilidade de discutir essas questões é pensar que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, mas também obstáculo, ponto de resistência ou ponto de partida de uma estratégia oposta. Para Foucault (2011a), o discurso é veículo que produz poder, reforça, mas também desarticula, desmonta, desabilita, expõe, debilita, permitindo que seja barrado.

Em relação aos recortes, eles também sinalizam dificuldades de enfrentamentos mediante discursos normativos que corrompem e submetem ao poder da norma. Todavia, não existe um discurso de poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Assim, auxiliar e buscar por respeito aos que vivem nas margens, no duelo entre poder e resistência, o normal e o anormal, dentro da norma ou desajustado, seria um caminho para professores e pais? Quanto aos dois lados, foi a partir do século XVIII, com fortalecimentos de discursos medicalizados, que se definiram binariamente papéis sociais de homens e mulheres para o novo modelo urbano, capitalista e industrial. Para Foucault (2007), a transição entre época clássica e moderna foi fundamental na construção do conceito de sexualidades e, conseqüentemente, de masculinidade hegemônica no ocidente.

Sabe-se que desde a criação de instituições disciplinares como escolas, hospitais, prisões e exército, até o surgimento das sociedades burguesas e industriais, com todo valor de moral, havia pontos comuns entre todas elas, ou seja, produções de sujeitos modernos, incluindo o ideal de masculinidade. Entretanto, a crise das significações sociais elaboradas e sancionadas culturalmente na modernidade, gerou enfraquecimento, surgindo assim, a controvertida sociedade pós-moderna, tão debatida e contestada. O que houve foi o esfacelamento e esgotamento da modernidade.

Para Oliveira (2004), seria uma crise e diluição do modelo hegemônico de masculinidade, flexibilizando padrões estigmatizados, considerados anteriormente como anormais e ininteligíveis, tornando-os agora inteligíveis e passíveis de existência. Portanto, em consonância com o teórico, os fragmentos de fala já inseridos nessa discussão vêm pressupondo isso. Então, afirmar que a modernidade produziu somente um modelo de masculinidade é um equívoco. Basta observar os inúmeros modos de visualização dos corpos masculinos discutidos aqui. Ela tem produzido diversas formas de se viver o masculino, contudo, tornando visível apenas uma e colocando as demais possibilidades na margem, na periferia da masculinidade hegemônica.

Conforme Connell (1995), a forma hegemônica tem outras masculinidades agrupadas em torno dela, visto que existem diferentes formas de usar, sentir, e mostrar os corpos masculinos. Os recortes de fala também parecem sinalizar tal questão e justificam a importância de não se falar masculinidade e sim masculinidades em suas pluralidades de formas. Ao indagar sobre o que poderia ser entendido por masculinidades, o autor ainda orienta,

Deixem-me oferecer uma definição – breve, mas razoavelmente precisa. A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estruturadas relações de gênero. Existe normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de ‘masculinidades’. (CONNELL, 1995, p.188).

A masculinidade não é singular, é plural e, inserida numa perspectiva de gênero, é muito mais ampla que simples definições dadas na biologia. Ela é complexa, não natural, engloba economia, estado, família e sexualidade. Ainda, a passagem do termo masculinidade para masculinidades confirma o enraizamento cultural do gênero e explicita sua imersão nas relações de poder e na dinâmica biopolítica da sociedade. Portanto, pode-se afirmar que masculinidade, como construção cultural, está fundamentada na história e nas políticas de gênero.

As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal e, como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens para se conformarem ao ideal de masculinidade são como tentar subir uma montanha que não tem topo – eles lutam com determinação, mas nunca chegam. No entanto, os esforços dos homens em se conformarem à masculinidade ideal também se

vincula à reprodução da ordem maior de gênero. (SABO, 2002, p.40).

Referenciado nos fragmentos de comentários aqui inseridos, percebe-se que os discursos do biopoder e da biopolítica, através dos mecanismos da heterossexualidade compulsória, foram e continuam sendo centrais para produção de tipos de masculinidades. É a norma quem sanciona todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que são encontrados nos diversos recortes de fala inseridos nessa discussão: o negar ao outro o que se é; a perceptível dúvida sobre que posição tomar quanto ao dizer o que se pensa e sente no campo do desejo, do sexo e posição de gênero; o negar a si mesmo e os questionamentos enfrentados sobre o que são, enquanto sujeitos, no campo da sexualidade e do gênero. Ainda, os fragmentos de comentários viabilizaram a percepção de processos de objetivação e subjetivação, temática importante e que merece melhor discussão em outros trabalhos a serem desenvolvidos.

Também, mediante o observado, percebeu-se que um possível caminho seria pensar o processo de subjetivação ou de constituição autônoma adolescente, que pudesse pressupor o assumir das práticas de si mesmo como exercícios de poder voltados sobre si. A proposta seria transformar as determinações heteronormativas, que os constituem enquanto sujeitos assujeitados e retidos nas malhas dos dispositivos modernos de saber-poder, produtores de identidades fixas e bem demarcadas.

Seria um modificar de possibilidades do viver do adolescente para a formulação de novas formas de vida em comum e de relação entre si. Mais do que defender que tenham direitos, a busca dessa discussão é pelo admitir a criação de novos direitos relacionais que permitam que todos os tipos possíveis de relações possam existir, não sendo impedidas, bloqueadas ou anuladas por instituições que as desvalorizam, como escola e professores podem fazer.

Contra toda e qualquer forma de naturalização das identidades sexuais, o ideal seria buscar a definição e o desenvolvimento de um modo de vida e estabelecer um agir crítico-reflexivo sobre si mesmo e sobre os outros. Seria um processo autônomo de individualização que engaje e agencie os outros, assim como exige e solicita a problematização do presente.

SCHOOL DISCOURSE AND MALE ADOLESCENCE

ABSTRACT: *Grounded on the concept that masculinities are submitted to a plot of discourses, knowledge and capabilities, processes that impose subjected truths, this discussion, and objectives contribute to teaching overcoming historical vices committed in this field of knowledge. Inscribed by cultural experiences, masculinities have been built by the discourse and through social relations, in places such as school and the internet. In this sense, the presupposition here assumed is that hegemonic masculinities are strengthened when putting the other masculinities in a subaltern and clandestine status. Methodologically speaking, as part of a doctoral degree discussion, it is based on the concepts of discourses proposed by Michel Foucault. The research involved 17 subjects, it was used a network chatroom to access the participants talks and this made it possible to report how discourses are widespread and affect manlike and seek to adjust it to the norm.*

KEYWORDS: *Education. Adolescence. Masculinity. Discourse.*

REFERÊNCIAS

- ARENALES, L.; ARENALES, N. H. B.; CRUZ, J. **Autópsia psicológica em adolescente suicida: Relato de caso.** 2005. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano02/artigo0502_b.php>. Acesso em: 14 set. 2015.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BUTTNER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p.185-206, 1995.
- DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã... diálogos.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault.** São Paulo: Intermeios, 2012.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, Porto Alegre, n.114, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2011a.
- _____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2011b.
- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres.** v.2. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- _____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Historia da sexualidade: a vontade de saber.** v.1. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.125-136.

_____. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1982.

FREITAS, H. et al. Pesquisa via internet: Características, processo e interface. **Revista Eletrônica GIANTI**, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

GAROFALO, R. et al. The association between health risk behaviors and sexual orientation among a school-based sample of adolescents. **Pediatrics**, Elk Grove Village, v.101, n.5 p.895-902, mai. 1998.

GIBSON, P. Gay male and lesbian youth suicide. In: FEINLEIB, M. R. (Org.). **Report of the Secretary's Task Force on Youth Suicide.** v.3. Washington: Government Printing Office, 1989. p.110-142.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v.19, n.1, p.49-60, 2007.

MANN, C.; STEWART, F. **Internet communication and qualitative research: a handbook for researching online.** London: SAGE Publications, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. XAVIER, A. C. S. (Org.). **Hipertexto e Gêneros Digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.91-109.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Revista Cronos**, Natal, v.12, n.2, p.9-22, jul./dez. 2011.

_____. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v.9, n.2, p.171-190. jan./jun. 2009a.

_____. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v.1, n.29, p.150-182, jan/jun. 2009b.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.3, p.181-193. set./dez. 2006.

MISKOLCI, R.; SIMÕES, J. A. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.28. p.101-128, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 set. 2015.

O'CONNOR, A. Who gets called queer in school: lesbian, gay, and bisexual teenagers,

homophobia, and high school: In: UNKS, G. (Ed.). **The Gay Teen**. New York: Routledge, 1995. p.211-224.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE [OMS]. **Preventing suicide: a global imperative**. Luxembourg: WHO Press, 2014.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Caderno de Saúde Coletânea**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.59-77, jan./jun. 2003.

REMAFEDI, G. **Studies of gay and lesbian youth suicide**. Boston: Alyson Publications, 1995.

_____. Risk factors for attempted suicide in gay and bisexual youth. **Pediatrics**, Elk Grove Village, v.87, n.6, p.869-875, jun. 1991.

RUBIN, G. The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex. In: REITER, R. **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press. 1975. p.157-210.

RUSSELL, S. T.; JOYNER, K. Adolescent sexual orientation and suicide risk: evidence from a national study. **American Journal of Public Health**, Washington, v.91, n.8, ago. 2001.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAR, M.; SILVESTRIN, C. B. **Coletânea gênero plural**. Curitiba: Ed. da UFPR. 2002. p.33-46.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.28. p.19-54, jan./jun. 2007.

SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S.; MALAQUIAS, J. V. Suicídio de jovens nas principais capitais do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.673-683, mai./jun. 2002.

TAMAM, L; ÖZPOYRAZ, N; DILER, R S. **Homosexuality and suicide: A case report**. 2005. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/274834788_Homosexuality_and_Suicide_A_Case_Report>. Acesso em: 15 set. 2015.

WARNER, M. **Fear of a queer planet: Queer Politics and Social Theory**. London: University of Minnesota Press, 1991.

ZWAHR-CASTRO, J. O suicídio entre adolescentes americanos. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n.44, p.10-15, jan. 2005.